

## **ECOS DE FOLIA NA CAPITAL FARROUPILHA: ORIGEM DA BICHARADA DO ARI NA CIDADE DE PIRATINI/RS**

**GISELE DUTRA QUEVEDO<sup>1</sup>; JULIANE PRIMON SERRES <sup>3</sup>**

<sup>1</sup>UFPel – *gisele.quevedo.ppgmisp@gmail.com*

<sup>3</sup>UFPel – *julianeserres@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho abordará aspectos de uma festa popular que ocorre todos os anos na cidade de Piratini/RS<sup>1</sup> nas semanas que antecedem a data do carnaval nacional. Surgida no final da década de 1940, como o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, criado por Ari Fabião Valente<sup>2</sup>, a festa se mantém até os dias atuais, tendo sido rebatizada como A Bicharada do Ari ou Bloco da Bicharada.

Essa brincadeira organizada pelo senhor Ari consistia em um desfile feito em um percurso de aproximadamente dois quilômetros de distância e o retorno ao local de saída de um grupo de adultos que se vestiam de bichos, em sua maioria de quatro patas, confeccionados com uma armação de madeira, tecido e tinta. Dentre os animais representados haviam cavalos, bois, girafas, elefantes, ursos, entre outros que eram carregados por adultos que dançavam e brincavam durante o percurso. Eram acompanhados por bonecos (pessoas da comunidade que encenavam um personagem) e por uma pequena orquestra, formada por gaita, guitarra, bumbo e instrumentos de sopro que traziam alegria e ritmo ao movimento dos bichos.

De acordo com relatos orais de pessoas da comunidade que conheceram o senhor Ari, os primeiros bichos que foram confeccionados e saíram às ruas nos primeiros anos de desfile do Bloco Carnavalesco da Boa Vontade foram o boi e o galo, e nesse período ainda não eram utilizados instrumentos de sopro pela banda que animava a festa. A cada ano o desfile foi atraindo um número maior de participantes e outros bichos foram sendo criados, bem como uma banda chamada Xangrila passou a animar a festa utilizando instrumentos de sopro. A festa atraía a comunidade, de todos os grupos sociais (moradores do centro, do interior do município e de todos os bairros dos mais pobres aos mais ricos) para acompanhar o trajeto. Podemos afirmar que este processo de convivência coletiva mantém-se por mais de sete décadas, por estar presente como marco social de memória dos piratinienses.

Conforme Mikhail Bakhtin o carnaval é o momento que nenhuma distancia separa os indivíduos, é o período que ocorre a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e isso é bem marcante durante a Bicharada do Ari.

...durante o carnaval nas praças públicas a abolição provisória das diferenças e barreiras hierárquicas entre as pessoas e a eliminação de certas regras e tabus vigentes na vida cotidiana criavam um tipo especial

---

<sup>1</sup> Localiza-se na região Sul do Estado do Rio Grande do Sul. Piratini possui um valioso patrimônio edificado reunido em seu centro histórico, no qual há três edifícios tombados pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e quinze bens tombados pelo IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado), além de vários outros protegidos pelo município.

<sup>2</sup>Ari Fabião Valente nasceu em 24/10/1914, na cidade de Piratini. Descendente de uma tradicional família seu bisavô, o comendador José Moreira Fabião foi um influente político e comerciante da região. Fundou o Bloco Carnavalesco da Boa Vontade, para o qual, com a ajuda da comunidade confeccionava os Bichos.

de comunicação ao mesmo tempo ideal e real entre as pessoas, ...entre indivíduos que nenhuma distancia separa mais. (BAKHTIN, 2010, p.14)

Todos os anos nas semanas que antecedem o carnaval, os “bichos” saem às ruas de Piratini para alegrar e distrair as noites de crianças, jovens e adultos. O percurso é a mesma rua principal de outrora (Av. Gomes Jardim, no centro histórico de Piratini), a diferença é que hoje se encontra totalmente pavimentada, enquanto no passado era de chão batido. Os bonecos foram substituídos por mascarados (pessoas da comunidade que preferem ficar no anonimato, sem ser identificadas) e que acompanham a “Bicharada” brincando e chamando a atenção dos espectadores. Por volta dos anos 80, mais um grupo passou a participar da brincadeira, os “fantasiados” (geralmente homens que se vestem de mulher) e por algumas noites invertem a sua relação de gênero para representarem diversas identidades femininas, através da maquiagem, das roupas e do desempenho corporal

Para HOBBSAWN (1984) existem práticas de natureza simbólica que visam internalizar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, implicando automaticamente em uma continuidade em relação ao passado. Essa continuidade em relação ao passado é observada na Bicharada, visto que durante mais de sete décadas ainda se mantém anualmente, por vezes com grande número de seguidores, outras um pouco menos, mas durante todo esse período somente quando o seu Ari estava já muito doente é que o Bloco da Bicharada fez um recesso (mais ou menos três anos) e não saiu às ruas durante o carnaval. Logo após esse recesso a Bicharada voltou as ruas com sua essência um tanto modificada, os bichos que antes eram feitos de madeira e tecido, e os bois que possuíam cabeças de “verdade” e eram extremamente pesados e carregados apenas por adultos, passaram a ser confeccionados com materiais mais leves para que as crianças comesçassem a participar da brincadeira.

A autora MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ (1992) nos fala sobre a tradição e as transformações que ocorrem no carnaval e nos questiona como isso é possível:

...como admitir que o Carnaval seja ao mesmo tempo uma tradição de raízes antigas, mas tome formas novas inteiramente diversa das de outrora, com um conteúdo também muito dessemelhante? De que maneira qualidades mutuamente exclusivas podem conter a natureza de um fato? A festa do Reinado de Momo seria formada de duas vertentes – a vertente da continuidade e a vertente da transformação? Como podem se associar, não seria elas totalmente incompatíveis? Ou tal definição não será senão uma ilusão tanto daqueles que vivem a festa quanto daqueles que a estudam? (PEREIRA DE QUEIROZ, 1992, p.160)

Neste sentido, pretendemos através deste trabalho contar a história desta tradicional festa popular e descobrir sua origem. Qual a ligação entre ela e as demais festas de carnaval que utilizam bichos e personagens, tanto no Brasil, como em Portugal?

## 2. METODOLOGIA

A metodologia que pretende-se utilizar é a história oral temática, através dos relatos dos organizadores, participantes e simpatizantes da Bicharada. De acordo com Paul Thompson (1992), a história oral é uma história construída em torno das pessoas. “[...] Ela lança vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo...” (THOMPSON, 1992, p.44). Portanto, a coleta de dados orais é fundamental para o estudo de memória e das representações que se tem do passado.

A definição de marcos sociais da memória, presente no livro *Antropologia da Memória* de Joel Candau (2006) nos afirma que completamos nossas recordações a partir da memória dos outros. A reconstituição de uma recordação passa pela reconstrução das circunstâncias do acontecimento passado e, por conseguinte, dos marcos sociais ou coletivos. A memória individual sempre tem uma dimensão coletiva, já que a significação dos acontecimentos memorizados pelo sujeito se dá pela sua cultura.

Diante da ausência de documentos escritos do período inicial da Bicharada do Ari, valemo-nos da memória e da história oral para evidenciar este momento. Baseando-se em Halbwachs (1990) a memória de nossa vida nos apresenta um quadro mais contínuo e denso que a memória histórica, justificando, portanto, a metodologia empregada:

...memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Halbwachs contrapõe memória histórica e memória coletiva, segundo ele a primeira é a memória da nação, enquanto a segunda passa pelas nossas experiências e, portanto, são significadas por nós. A memória não se apoia na história aprendida, mas na vivida.

Ainda de acordo com Halbwachs a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. A memória está situada principalmente na categoria de tempo e de espaço, ou seja, não podemos acessar uma memória sem que ela se situe em tempo e espaço. Depois vem as categorias: da família, da linguagem, das tradições, da religião e da nação. A autora Aleida Assmann ao falar sobre a memória dos locais diz que é impossível pensar memória sem espaço, para ela, assim como para Halbwachs é preciso pensar o espaço como modulador da memória.

Pretendemos refletir sobre a memória através de fotografias, possibilitando identificar intenções e compreender processos de construção memorial como sendo também processos de legitimação de identidades. A pesquisa iconográfica está sendo realizada a partir de fotografias de vários períodos, para ser possível comparar as mudanças que ocorreram ao longo destas sete décadas.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa apresentada encontra-se na fase inicial, até o momento foi coletado um depoimento oral e algumas fotografias de diversos períodos. Estamos realizando o levantamento bibliográfico, de entrevistas, fotografias e jornais.

### **4. CONCLUSÕES**

Concluimos salientando que a pesquisa é inédita sobre o tema e existe uma lacuna no que se refere a pesquisas sobre este gênero de festa popular no Rio Grande do Sul.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERT, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro. Editora da FGV, 2004.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. São Paulo, Editora da Unicamp, 2011, p. 317-366

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento**. São Paulo. Editora Hucitec, 2010.

CANDAU, Joel. **Antropologia de la Memória**. Trad. Paula Mahler. Buenos Aires: Nueva Visión, 2006.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

LENCLUD, Gérard. **La tradition n'est plus ce qu'elle était... , Terrain** [En ligne], 9 | octobre 1987, mis en ligne le 21 mars 2005

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990.

\_\_\_\_\_. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Anthropos Editorial, 2004.

HOBBSAWM, Eric. Introdução: A invenção das Tradições. In: **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 9-23.

MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. **O carnaval brasileiro, o vivido e o mito**. São Paulo, Brasiliense, 1992.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral**. In: Projeto História nº 15. São Paulo, PUC, 1997, p. 13-50.

QUEVEDO, G. D. **Levantamento Histórico Cultural da Cidade de Piratini (Rs)**. 2007.91f. Monografia (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Pelotas.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo, Paz e terra, 1992.